

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Patrícia Rosana Salvador Romero

EDUCAÇÃO E PÓS-MODERNIDADE: VOZES DE INDISCIPLINA
ESCOLAR EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE
SOROCABA/SP

Sorocaba/SP
2005

Patrícia Rosana Salvador Romero

**EDUCAÇÃO E PÓS-MODERNIDADE: VOZES DE INDISCIPLINA
ESCOLAR EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE
SOROCABA/SP**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Lúcia de Amorim Soares

**Sorocaba/SP
Novembro 2005**

Ficha Catalográfica

R672e Romero, Patrícia Rosana Salvador
Educação e pós-modernidade : vozes de indisciplina escolar em uma escola da rede pública de Sorocaba/SP / Patrícia Rosana Salvador Romero. – Sorocaba, SP, 2005.
85 f.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Lúcia de Amorim Soares
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2005.
Inclui bibliografias.

1. Disciplina escolar. 2. Indisciplina escolar. 3. Escolas – Problemas de disciplina. 4. Escolas – Organização e administração. 5. Pós-modernidade. I. Soares, Maria Lúcia de Amorim, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Patrícia Rosana Salvador Romero

**Educação E Pós-Modernidade: Vozes de Indisciplina Escolar Em Uma
Escola Da Rede Pública De Sorocaba**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes professores:

Ass. _____
Profª Drª Eliete Jussara Nogueira

Ass. _____
Profº Drº Paulo Celso da Silva

Amores que revelam a beleza do cotidiano e me fazem prosseguir...
Ensinam a cada dia a novidade do mundo e me mostram quando é hora de parar:

Para João
Amor que me leva para frente e não me deixa desanimar.

Para Jéssica
Força e contradição que leva o olhar sempre para um outro significado.

Para Jenifer
Luz que clareia a razão da vida e sensibilidade que aflora nas horas mais inesperadas.

Para Josiani
O presente inesperado que se revela a cada dia uma benção de Deus.

Para Edina
Amor de mãe que aplaude tudo que faço.

Para Pedro
Amor de pai que sempre me lembra que tenho muito a aprender.

Para Neide
Cunhada que segurou as pontas quando não podia estar presente.

Para meus irmãos, parentes e amigos.
Que de forma direta ou indireta contribuíram com meu crescimento e aprimoramento na vida e na academia.

Agradecimento

A Dr^a Maria Lúcia de Amorim Soares, responsável pelo caminho acadêmico percorrido, pelas lições de vida, pela dedicação do bem mais precioso que possui – seu tempo. Pela amizade conquistada, pelo interesse e apoio dedicados a esta pesquisa. Pela pensadora filósofa e poetisa que abriu meu olhar para o mundo pós-moderno.

Ao PROSUP da CAPES que concedem a oportunidade de concluir esta pesquisa.

A Banca de Qualificação e Defesa Constituída pela
Professora Dr^a Eliete Jussara Nogueira que trouxe nova energia para uma melhor análise da pesquisa e pelo
Professor Dr^o Paulo Celso da Silva que corrigiu com tanta ênfase e interesse este trabalho;

Á Deus por me conduzir ao conhecimento fazendo de mim um novo ser a cada dia, e para isso colocou em meu caminho pessoas tão maravilhosas.

A escola

Paulo Freire

*Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.*

*O diretor é gente,
O coordenador é gente,
o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.*

*E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.
Nada de conviver com as pessoas
e depois descobrir que não tem amizade a ninguém
nada de ser como o tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar,
não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se 'amarrar nela'!
Ora , é lógico...
numa escola assim vai ser fácil estudar,
trabalhar, crescer, fazer amigos,
educar-se, ser feliz."*

RESUMO

Esta é uma produção acadêmica que apresenta o desassossego do mundo na atual Babel conceitual, denominada Pós-modernidade, no contraponto daqueles que insistem em considerar desmobilizadoras as perspectivas pós-modernas. Ao nos situarmos nesse lugar, não estamos desistindo de nossa identidade de educadores uma vez que o questionamento, a dúvida e a investigação parecem-me características fundamentais dessa identidade. Assim sendo, buscam novas referências que propiciem respostas adequadas ao problema da (in) disciplina escolar, fortemente colocado pela contemporaneidade: A reflexão em torno dessa questão, a partir do estudo da bibliografia existente sobre a pós-modernidade, em geral e a indisciplina escolar, em particular lançou-nos no centro do debate teórico metodológico contemporâneo nas Ciências Sociais que toma conta e se irradia pelos círculos acadêmicos. Frequentemente sem encontrar a sua plena explicitação, bem como no debate teórico-metodológico no campo da educação sobre o fenômeno da indisciplina escolar enquanto sintoma social. Desta forma fazemos à discussão de concepções teóricas que hoje são veiculadas à exaustão e cuja aceitação à primeira vista, não beira a unanimidade. Nesse sentido, apresentamos inicialmente, os argumentos que sustentam a existência de um desassossego no mundo, a Pós-modernidade, com David Harvey, Boaventura Sousa Santos, Lyotard, Vattimo e Bauman. Em seguida analisamos, a partir das contribuições de Foucault sobre a sociedade disciplinar e de Deleuze sobre a sociedade de controle, determinados conceitos e categorias que confirmam a necessidade de um novo instrumental analítico para entendimento dos complexos fenômenos societáveis do presente. Para tanto, tornou-se indispensável à pesquisa empírica, com eleições da técnica conversas informais efetivadas na Escola Céu Azul, em Sorocaba/SP tendo como objetivo entrar em contato com a materialidade da indisciplina escolar, através de um conjunto de vozes – professores, pais, coordenadora pedagógica, inspetora de alunos e alunas do Ensino Médio. O caráter bifronte disciplina/indisciplina escolar aflora nas normas estabelecidas pelo conselho escolar com expressas proibições para os alunos viverem a escolas, e com um conjunto de fotografias produzidas pelos mesmos na escola em pauta. Com isso, esperamos estar dando uma modesta contribuição para a compreensão do mundo

contemporâneo e do papel da educação no estabelecimento de práticas de disciplinamento e controle que hoje estão em curso na escola, enquanto inserida num contexto cultural de flexibilidade, mobilidade e transformação.

Palavras chave: Educação Escolar, Pós-Modernidade, Indisciplina/Disciplina Escolar, Sociedade Disciplinar e Sociedade de Controle.

ABSTRACT

This is an academic paper which presents the unquietness of the world inside the conceptual Babel, called Post-modernity, against those who insist on considering unsuitable the post-moderns perspectives. Placing ourselves in this position, we are not giving up from our educator's identities since the question, the doubt and the investigation seem to me the main characteristic of this identity. In such case, they search for new references which provide proper answers for the school (in)discipline issue, strongly marked by the contemporaneity: the thoughtfulness about this matter from the existent bibliography study on post-modernity in general and, school indiscipline in particular lead us to the center of a contemporary methodological theoretical in Social Science which comprises and radiates itself through academic circles, frequently without encounter its full explicitness, as well as during the theoretical methodological debate on the education area about the school indiscipline phenomenon as a social symptom. This way we have conducted a discussion of theoretical concepts which are broadly discussed and which acceptance, at first it is not a unanimous consent. Therein, firstly we have presented the argumentation which supports the existence of an unquietness in the world, the Post-Modernity, with David Harvey, Boaventura Sousa Santos, Lyotard, Vattimo e Bauman.

Afterwards we have analyzed such concepts and categories which sustain the need of a new analytical tool for the understanding of the complex phenomena which brings changes in the society at present from Foucault's contributions on discipliner society and from Deleuze on society of control. Consequently, it is indispensable the empiric research aimed to be in touch with the materiality school indiscipline through a set of opinions – teachers, parents, pedagogical coordinator, students inspector and high school students – a compiling of informal conversations taking place at *School "Céu Azul" in Sorocaba – SP*.

The school discipline/indiscipline bifronted character emerges on the regulations established by the school council with clear prohibitions for the students stay at school and with a set of pictures produced by the students at the school referred.

Therewith, we expect to be offering a modest contribution to the understanding of the contemporary world and the role of education concerning with the establishment of discipline and control practices so alive in school today at the same time being inside a cultural context of flexibility, mobility and transformation.

Keyword: Education, Post-modernity, Discipline/indiscipline, Society Discipline, Society Control.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
UM DESASSOSSEGO NO MUNDO: A PÓS-MODERNIDADE.....	14
DA SOCIEDADE DISCIPLINAR A SOCIEDADE DE CONTROLE.....	31
VOZES (IN) DISCIPLINADAS, NA ESCOLA CÉU AZUL DE SOROCABA.....	45
3.1 Educação Contemporânea a questão da (In) disciplina Escolar.....	50
3.2 Educação Contemporânea: alguns contornos sobre atos Indisciplinados.....	53
3.3 A (in) disciplina nas vozes dos professores, pais e coordenadora pedagógica.....	58
3.4 A (in) disciplina na voz da inspetora de aluno.....	61
3.5 A (in) disciplina nas vozes dos alunos / Ensino Médio.....	64
3.6 A (in) disciplina na voz das normas estabelecidas pelo conselho da escola.....	69
3.7 A (in) disciplina através de imagens.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	83

Da Sociedade Disciplinar à Sociedade de Controle

Poder para Foucault (2000) não é o estado centralizado nem o de uma classe social. O poder para ele são os poderes disseminados pela sociedade por intermédio de uma rede de dispositivos, aos quais ninguém escapa. Como o poder não é algo que se possui mas sim que se exerce, ele não está em um lugar fixo, centralizado e único, mas, está em toda parte da estrutura social. Sendo múltiplo sua resistência será também múltipla, sem localização específica com focos móveis e transitórios. O poder é ainda o de confrontação de forças, disputa em jogos estratégicos de luta onde se perde ou se ganha.

Nessa perspectiva, Foucault vai desenvolver a idéia de que o corpo é adestrado e disciplinado, sendo a sociedade moderna uma sociedade disciplinar. A correção de virtualidades será efetivada na sociedade disciplinar através do Panopticon – edifício em forma de anel, tendo no meio um pátio com uma torre no centro. O anel, dividido em celas, é continuamente vigiado por uma pessoa nesta torre. Enquanto o poder é exercido pelo vigia constitui-se sobre aqueles vigiados um saber. Este saber organiza-se em torno da norma, determinando assim o que é normal ou anormal. As relações de poder são, antes de tudo, produtivas dirá Foucault, ou seja, elas constroem positivamente, saberes e verdades. Isso fará Foucault afirmar que seu “ problema é a política do verdadeiro” (2000, p.237).

A função política do intelectual para Foucault está estritamente ligada com o problema da produção da verdade:

Por verdade não quero dizer o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar, mas o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder. Por verdade entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e ao funcionamento dos enunciados. A verdade está circularmente ligada ao sistema de poder, que a produz e a apóia e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. Este regime não é simplesmente ideológico ou superestrutural; foi uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo. (1998, p.14).

O intelectual não tem a função de mudar a consciência das pessoas, mas a de considerar a verdade como produto do resultado de um jogo de forças. Sua função é desestruturar o presente como um processo histórico. Para Foucault a importância do intelectual não se deve mais ao fato de ser o portador de valores universais, mas sim, o fato dele ocupar uma posição específica, cuja especificidade está ligada às funções gerais do dispositivo de verdade de nossa sociedade. A função do intelectual, ainda para Foucault, não está em criticar o conteúdo ideológico a ser pesquisado, já que não se pode libertar a verdade da política de poder pois a própria verdade é poder, mas desvincular o poder da verdade das formas hegemônicas com as quais a verdade funciona num determinado momento.

Rabinow e Dreyfus, (1995) dividem as figuras de punição com que Foucault trabalha em a tortura soberana, a reforma humanista e a detenção normalizadora, figuras de punição com as quais estaremos trabalhando a seguir.

Nas primeiras páginas de *Vigiar e Punir* (1998) encontra-se o relato do suplício de Damiens formado pela montagem de três relatos provenientes de fontes diferentes. O primeiro parágrafo é transcrito das *Pieces originales et procédures du procès fait à Robert – François Damiens de 1757*, ou contra Damiens, um relato jurídico, portanto, um relato

detentor de um poder e de uma verdade. O relato utilizado corresponde à pena a qual Damians é condenado; é o poder de punir se manifestando em seu direito.

O segundo e o terceiro parágrafos são partes do relato publicado pela Gazette D'Amsterdam, também de 1757, ou seja, a notícia jornalística que conta ao povo o fato acontecido, a verdade do evento, e lembrando também ao povo o poder que se exerce contra quem viola a lei ou desafia esse poder. Como a tradição popular sempre confiou nos jornais como fonte fidedigna da verdade, portanto, se junto com essa verdade o jornal falava de um poder, não havia por que duvidar da verdade do que era relatado.

Do quarto parágrafo em diante, Foucault utiliza o relato do comissário de polícia Bouton, que é citado na obra *Damiens le regicide de Zevaes*, de 1937. Esse é o relato de uma possível testemunha ocular da verdade do suplício e do poder que se manifesta nela. A verdade é inquirida até que se manifeste, e ela se manifesta pelo olhar da testemunha.

O relato do suplício de Damians conta em detalhes como um homem condenado por parricídio foi supliciado: todos os momentos de sua agonia até ficar apenas um cão que se aquecia na terra, ainda quente, onde antes ardeu a fogueira que queimou seu corpo esquartejado.

Foucault apresenta três critérios para uma pena ser um suplício: o primeiro é que ele deve produzir uma certa quantidade de sofrimento que se possa, se não medir exatamente, ao menos aproximar, comparar e hierarquizar. O segundo critério é que a produção desse suplício deve ser regulada, para que a pena não se torne uma só, mas múltiplice em sua aplicação por carrascos em sua arte. O terceiro critério é que ele deve ser um ritual, um

elemento de liturgia punitiva, para tanto no cadafalso devem ser cumpridas normas de conduta num espetáculo público.

Além disso, o suplício tinha que ser relatado, para que aqueles que não assistiram ao espetáculo se tornassem conhecidos dele e para que aqueles que a ele assistiram não o esqueçam e melhor compreendessem seu sentido. No cadafalso o condenado devia dizer toda sua culpa, mas como isso era incerto, fazia-se circular uma literatura no estilo última palavras de um condenado.

Era assim que se apresentava ao povo o poder de punir nessa época, como num espetáculo em que se afirmava o poder e se exemplava a comunidade para que esse poder. Mostra Foucault que “Nas cerimônias do suplício, o personagem principal é o povo, cuja presença real e imediata é requerida para sua realização. Um suplício que tivesse sido conhecido, mas cujo desenrolar houvesse sido secreto, não teria sentido.” (Foucault, 1998, p.49).

Entretanto, o espetáculo do suplício passou a ser, com o tempo, um momento de tensão e perigo constante à soberania do rei. O problema é que quem muito vê sangue com ele se acostuma, e como o rei para dar um exemplo à população, se vinga publicamente com sangue, o povo aprende rapidamente que só se pode vingar com sangue. Além disso, a vingança do rei autoriza a vingança do povo.

Faz-se necessário, então, que a humanidade se incorpore no discurso, devendo ser apresentado como elemento da verdade para a manutenção do poder. Conforme Foucault:

“Essa necessidade de um castigo sem suplício é formulada primeiro como um grito do coração ou da natureza indignada: no pior dos assassinos, uma crise pelo menos deve ser respeitada quando punimos: sua humanidade” (1998, p. 63).

A partir daí, dá-se o deslocamento do corpo para o coração, o intelecto, a vontade, ou seja, a alma, enquanto o objeto de punição. Como Foucault iguala a alma à psique, consciência, subjetividade, personalidade, individualidade, percepção, esse exercício de poder proposto pelos reformadores humanistas é o prelúdio daquilo que Foucault vai identificar como poder disciplinar.

Algumas das primeiras atitudes que se observa quanto a proteção da humanidade do punido são: a proteção do seu rosto por um capuz, de sua identidade no ato da execução transportando o condenado para o patíbulo em um carro fechado. O outro dado é o artigo 3º do código francês, de 1791, que determinava a morte de todo condenado pela cabeça cortada, menos infamante para a família do condenado. As formas de punição tornam-se pudicas, exercidas ainda sobre o corpo, mas não da mesma forma que antes: a relação castigo-corpo não é mais idêntica ao que era no suplício.

Uma modificação histórica que certamente contribuiu para essas modificações no poder de punir foi a ascensão econômica da burguesia e, conseqüentemente, seu crescimento em infratores no campo político dos Estados, determinando um redimensionamento na importância atribuída a determinados crimes. As infrações relativas às propriedades se deram de forma mais acentuada e as punições a esses atos foram mais observados que anteriormente. Esse deslocamento de foco chama-se contrato social.

Foucault identifica quatro papéis fundamentais da teoria da soberania. O primeiro é aquele que se referia a um mecanismo efetivo de poder, que era o da monarquia no feudalismo; o segundo, é que ela serviu de instrumento de justificação para a criação das

monarquias administrativas; no terceiro papel a teoria da soberania serve ao poder absoluto do rei quanto o que prega o parigicídio; o quarto papel é o que surge com Rousseau, que se utiliza da teoria do contrato social para buscar e legitimar no seio de qualquer tipo de monarquia (administrativa, autoritária ou absolutista), alternativas que eram da democracia parlamentar. É nesse momento que Foucault identifica o surgimento do que chama de disciplina.

“O direito de punir desloca-se da vingança do soberano à defesa da sociedade” afirma Foucault (1998:76), um novo princípio de punição: o princípio da correta representação entre delito e punição, com o controle e a codificação das práticas ilícitas. Há, nesse ponto, uma divisão nas ilegalidades: a ilegalidade dos bens, que era praticada pelo povo, e a ilegalidade dos direitos, praticada pela burguesia e pela nobreza. Para a primeira – roubo- havia os tribunais ordinários e punições; para a segunda-fraudes, havia jurisdições com atenuações e vantagens.

Com a preocupação que havia nesse momento, uma preocupação maior com os pequenos delitos que, pela punição, poderiam ser imitados pela população, era preciso pensar nos efeitos do castigo para que o crime que o provocou não se repetisse. Punir, afirma Foucault, possa a ser “uma arte dos ofícios” (1998, p.78), sendo o princípio econômico dessa punição a prevenção, quer dizer, punir na medida exata, para, impedir que o crime se repita.

Foucault apresenta nessa economia da punição um conjunto de seis regras:

- 1) Regra da quantidade mínima, que diz que se deve associar à idéia do crime uma desvantagem maior do que as vantagens com ele conseguidas.

- 2) Regra da idealidade suficiente, sobre não se precisar tocar o corpo, mas apenas representar o corpo nessa punição.
- 3) Regra dos efeitos colaterais, segundo o qual a pena deve atingir mais a quem não cometeram o crime para convencer a sociedade que o culpado foi severamente punido.
- 4) Regra de certeza perfeita, em que para cada crime deve existir uma certeza absoluta da punição.
- 5) Regra da verdade comum, em que a verdade de verificação da punição ocorra de igual modo à verificação de qualquer verdade.
- 6) Regra de especificação ideal, que diz que todas as penas devem estar previstas no código. Esse princípio vem consolidar um novo modo de se exercer controle e poder sobre o corpo – a tecnologia disciplinar.

Sabendo-se que a reforma humanista existiu mais como uma proposta do que como efetividade, Foucault mostra que no transcurso entre a estrutura soberana para a possibilidade reformadora, surgiu nas práticas punitivas uma terceira figura da punição, da qual a prisão é o ícone mais manifesto e cuja origem está numa prática parajudiciária que era a *lettre-de-cachet*. Essa não era um decreto ou lei, mas uma ordem real que dizia respeito a uma única pessoa, obrigando-a a fazer uma crítica até mesmo casar, mas na maioria das vezes era um instrumento de punição, condenando esse indivíduo à prisão até que ordem contrária fosse dada. Era única punição moral que atingia empregados, familiares e outros indivíduos considerados desviantes sociais. Quando a pena era aplicada

estava colocando-se no processo penal o viver social cotidiano. Quando se colocam na punição as práticas punitivas disciplinares que também ocorriam nos hospitais, escolas e fábricas, cada indivíduo se constitui como sujeito para que melhor a ele se possa controlar.

Em *A ordem do discurso* Foucault (1996) fala de três princípios de exclusão: a interdição, a separação ou rejeição e a vontade da verdade. Esses seriam sistemas de exclusão que atingem o discurso, mas eles estão intimamente ligados às práticas sociais. Ele começa com a segurança a que eram destinados os leprosos e depois os loucos. Porém, com o advento da peste, o comportamento público social assumido foi o do esquadramento dos espaços da cidade onde a peste se apresenta através da vigilância constante, acompanhada de comportamentos objetivos, para que a administração pudesse não eliminar a peste, nem controlar o indivíduo com a peste. A cidade pestilenta proveu o modelo de controle social do indivíduo do qual a prisão vai ser a efetividade e o Panóptico de Bentham o próprio modelo ótimo de realização.

Essa nova arte de punir tem como característica marcante o individualizar dos membros sociais. Tornando cada um, um sujeito, ela fará efeito nesse indivíduo por ele mesmo produzido, porque o indivíduo já vive cotidianamente com ela, ela o constitui como indivíduo, como homem, então a punição que tem por base a disciplina é uma punição humana. O poder deixa de ser um único ponto para circular e se exerce entre os indivíduos menos representativos do povo com mais intensidade, a partir de pequenas astúcias sedutoras que facilmente se difundissem e que alguns detalhes mínimos praticados em alguma instituição singular se generalizassem, como detalhe interessante que de tanto ser repetido e se repetir, se tornasse regra e elemento essencial. Muitos dos procedimentos disciplinares já existiam em conventos, quartéis e oficinas, mas o que o torna modelo político é a sua generalização. “A disciplina é uma anatomia política de detalhes”.

(Foucault, 1998, p.118). Um poder capilar, um micropoder, que deve ser analisado em sua microfísica para ser atendido no seu todo; ou seja, não há como dizer que existe “ um poder” na abordagem foucaultiana, mas apenas que o poder se exerce.

O corpo é o campo de atuação da disciplina, mas de maneira diferente da tortura e da reforma humanista, porque vai analisá-lo separando em suas partes para torná-lo dócil.

Primeiramente, a disciplina consiste em uma nova forma de articular o espaço e o tempo do indivíduo. É necessário que tudo seja localizado e localizável para se ter um controle efetivo dos corpos – é a arte das distribuições, colocando o indivíduo, onde por dois procedimentos: o da cerca ou da cela e o dos lugares. Aqui se junta outro procedimento que é os das hierarquias – a fila que define o indivíduo em uma série, seu lugar na fila. Esses procedimentos especiais na tecnologia disciplinar formam a base de uma microfísica que pode ser chamada de celular.

Os corpos precisam também ser controlados temporalmente. Há que se estabelecer um tempo fixo para a relação de cada tarefa e controle das ociosidades. É por essa razão que surgem, instrumentos eficazes no controle e na disseminação do poder disciplinar: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame.

No que se refere à vigilância a vigilância hierárquica, a disciplina requer visibilidade, um olhar constante sobre os corpos disciplinados, através da tecnologia do olhar e da luz. Como a disciplina controla os comportamentos, a punição, a correção disciplinar, tem como objetivo primordial diminuir os desvios

observados, ou melhor, normalizar os comportamentos. É com a sanção, com a punição disciplinar que surge o poder da norma que é um princípio da coerção, de homogeneização e controle de desvios por comparação. É com o exame que o controle disciplinar classifica e qualifica para punir.

As disciplinas são então técnicas para a ordenação da multiplicidade humana. E elas fazem isso a partir de três critérios: fazer com que o exercício de poder seja pouco custoso, fazer com que os efeitos do poder alcancem o máximo de intensidade em um máximo de espaço, não deixando assim lugar para fracassos, nem resistências, tendo um máximo aproveitamento dos indivíduos e, conseqüentemente, fazer crescer a “docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema” (Foucault, 1998, p.180).

No caminho de Foucault observou-se que as vidas humanas são injetadas e revestidas de diferentes formas pelos saberes e poderes que configuram uma determinada época. Atualmente, as maneiras em que tais processos ocorrem estão em plena mutação, acompanhando a série de transformações operadas na sociedade ocidental nas últimas décadas. É lícito suspeitar, portanto, que a administração dos processos biológicos e dos corpos humanos por meio das instituições sociopolíticas e tecnocientíficas também esteja vivenciando importantes mudanças.

Os vetores – disciplina e biopolíticas, segundo Foucault, articularam-se no contexto do capitalismo industrial, como dois conjuntos de técnicas orientados para a dominação. Enquanto o primeiro vetor se dirigia para o homem-corpo, o segundo focalizava o homem-espécie. Embora cada um dos vetores implantasse um conjunto específico de mecanismos e

dispositivos de poder, ambos constituíam instrumentos de normalização destinados a maximizar e expropriar as forças humanas com vistas às utilidades.

Tal esquema, que combinava habilmente biopolíticas e disciplina com as dores e delícias do capitalismo industrial, vigorou suas muitas fissuras até os meados do século XX. Agora, entretanto, vários fatores constitutivos desse regime mudaram. Em um breve artigo escrito em 1990, apresentado como um mero Post-Scriptum no livro *Conversações* (1992), Gilles Deleuze sistematizou um feixe de transformações sociopolíticas e econômicas, vislumbrando a formação de um novo tipo de sociedade com a implantação gradativa e dispersa de um novo regime de poder-saber. Utilizando as ferramentas teóricas fornecidas por Foucault, Deleuze procurou estender a análise do poder à atual sociedade informatizada, após detectar uma crise generalizada das instituições de confinamento e surgimento de novos mecanismos de dominação.

Tais dispositivos, que impulsionam a economia global, são os computadores, a telefonia móvel, as redes de comunicação, os satélites e toda a miríade de gadgets teleinformáticos que abarrotam os mercados, contribuindo para a produção dos corpos e das subjetividades do século XXI. Tais dispositivos estariam se infiltrando nos aparelhos de normalização e nas instituições disciplinares, para derrubar seus muros, explodir sua ordem e inaugurar uma nova lógica de poder. Naquele artigo, tão condensado quanto fértil, o filósofo criou o conceito de *sociedades de controle* para designar o novo tipo de formação social.

Marcada pelas mudanças ultra-rápidas, na sociedade contemporânea, imperam dispositivos de poder cada vez mais sutis e menos evidentes. Entretanto, eles parecem ter ganhado uma eficiência, permitindo exercer um controle total ao ar livre. Sibilía (2002, p. 29) sintetiza o cenário,

Com a dissolução dos limites que confirmam o alcance das antigas técnicas disciplinares, muito desses mecanismos de outrora se sofisticam, alguns se intensificam e outros mudam radicalmente. Vai perdendo força a velha lógica serial, mecânica, descontínua, fechada, esquadrinhada, geométrica, progressiva e analógica das sociedades disciplinares, vencidas pelas novas modalidades digitais, contínuas, fluídas, ondulatórias, abertas, mutantes, flexíveis, autodiformantes, que se espalham aceleradamente pelo corpo social. Assim, a lógica do funcionamento associada aos novos dispositivos de poder é total e constante, opera velozmente e a curto prazo. Desconhece as fronteiras: atravessa todos os espaços e todos os tempos, engolindo o “fora”. Por isso a nova configuração social se apresenta como “totalitária” em um novo sentido: nada, nunca, fica fora do controle. Desse modo é esboçado o surgimento de um novo regime de poder-saber, ligado ao capitalismo do cunho pós-industrial.

Portanto, cabe supor que estão emergindo novos modos de subjetivação diferenciados daqueles que produziram os corpos dóceis e úteis dos sujeitos disciplinados descritos por Foucault. Assistido pelo poder de processamento do instrumento digital, o novo capitalismo metaboliza as forças vitais com uma voracidade inaudita, lançando e relançando ao mercado, constantemente, novas formas de subjetividade que serão adquiridas e de imediato descartadas pelos diversos targets aos quais são dirigidos, alimentando uma espiral de consumo e modos de ser em aceleração crescente. Assim, a ilusão de uma identidade fixa e estável, característica de uma sociedade moderna e industrial, vai cedendo terreno à identidades tipo prêt-à-porter, efêmeras, descartáveis, e sempre vinculadas as propostas e aos interesses do mercado, para isso sendo criada a figura do consumidor, cujo papel assume relevância cada vez maior: em vez de integrar uma massa como os cidadãos dos Estados-nação da era industrial – ele faz parte de diversas amostras, nichos de mercado, segmentos de público e bancos de dados.

Uma passagem que explicita a mudança do mundo analógico com suas leis mecânicas para o mundo digital informático, utilizada por Sibilía (2002), pode exemplificar

esse impulso ao mesmo tempo massificante e individualizante da sociedade industrial por meio de um elemento fundamental na fixação dos corpos e subjetividades dessa formação social: a carteira de identidade. Tal documento faz referência ao Estado-nação, contém um número que localiza o indivíduo dentro da massa, uma foto, uma assinatura, e uma impressão do dedo polegar. Todos dados analógicos. De outro lado, o sujeito da sociedade contemporânea detém cada vez mais cartões de crédito e senhas de acesso: dispositivos digitais. De maneira crescente, a identificação do consumidor passa pelo seu perfil: uma série de dados sobre a sua condição socioeconômica, seus hábitos e suas preferências de consumo, colhidos através de formulários de pesquisa e processados digitalmente, para serem armazenados em bancos de dados conectados em rede que serão acessados, vendidos, comprados e utilizados pelas empresas em suas estratégias de marketing. Desse modo o consumidor passa a ser, ele mesmo, um produto à venda.

As modalidades do trabalho também mudam e se expandem, tanto no espaço quanto no tempo. Surgem novos hábitos laboriais com ênfase nos contratos a curto prazo, na execução de projetos e na flexibilidade. Os funcionários são aparelhados com tecnologias de conexão permanente como celulares computadores portáteis – “coleiras eletrônicas” no dizer de Deleuze. Agora, pulverizados em redes flexíveis e flutuantes, as relações de poder são injetadas e reforçadas pelas inovações técnico-científicas, passando a recobrir a totalidade do corpo social sem deixar praticamente nada fora do controle.

Vamos seguir, mais de perto, o raciocínio de Deleuze em seu Post-Scriptum sobre as sociedades de controle, em *Conversações* (1992), quando diz:

Foucault situou as sociedades disciplinares no século XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento, O indivíduo não cessa de passar a um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na família”) depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência [...] mas o que Foucault também sabia era a brevidade deste modelo: ele sucedia as sociedades de soberania cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade à outra. Mas as disciplinas também conheciam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da segunda Guerra Mundial: sociedades disciplinares são o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser (DELEUZE, 1992, p. 219-220).

Após essa delimitação histórica do problema, Deleuze (1992, p.220) nomeia essas novas formações sociais que estão, cada dia mais, gerindo nossas vidas, ao mesmo tempo em que chama atenção para a possibilidade de libertação:

São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares.

“Controle” é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virílio também analisa sem parar as formas ultra-rápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas

extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual o regime mais duro, ou mais estável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

Num mundo de desassossego, onde a sociedade disciplinar cede lugar à sociedade de controle, a escola vive hoje a crise do colapso da ilusão moderna. Goergen (2005), ao tratar do desmanche da solidez do espaço e do tempo na modernidade líquida entende que a crise que a escola vive hoje é o declínio das certezas éticas, epistemológicas e estéticas:

A crise da dissolução da certeza de que há um Felo, um fim do caminho que pode ser previsto e descrito ou, em termos escolares de que há um modelo de escola perfeita que pode ser alcançado. ... A escola encontra-se, portanto, na contingência de definir uma nova agenda que lhe é imposta pelas condições de flexibilidade e processualidade da sociedade e do homem contemporâneos. É esta, uma mudança que, de certo modo, afeta a natureza da escola enquanto instituição moderna que, de sólida, definida em termos ideais e procedimentais, se torna fluida e inacabada, cheia de riscos e ansiedades (GOERGEN, 2005, p.63). Portanto é preciso ouvir suas vozes, o que será feito a seguir.

3. Vozes (In) disciplinadas na escola Céu Azul de Sorocabana

Instituições como a família e a escola, consideradas como espaços tradicionais de socialização dos indivíduos que por elas passam, não estão isentas das grandes e profundas mudanças que vêm ocorrendo nas últimas

décadas no mundo todo. Essas transformações quebram as políticas, econômicas, sociais e culturais e atingem o cotidiano de todos os indivíduos. Nestes tempos, nos quais as mudanças e a diversidade social ganham destaque nos debates, a família e a escola são questionadas sobre o seu papel social, pois, de certa forma, geram relações conflituosas quando não contemplam a sociabilidade que se desenvolve no âmbito socio-cultural.

A intervenção moderna sobre a vida dos jovens e crianças teve como objetivos conter, controlar, vigiar suas energias desordenadas, disciplinando-as, conforme demonstrado por Foucault. O ensino da escola pública contemporânea, tem se desqualificado como espaço formador das novas gerações, da cultura cultivada e da competência para reproduzir ou mesmo questionar os valores sociais e culturais. A escola, hoje, está sob suspeita na medida em que o ensino está referenciado num modelo em crise, ou seja, naquele que ressalta, numa cronologia social, cujo ciclo está sob as injunções de um mundo fundamentalmente novo, um ordenamento cultural co-figurativo no qual o aprendizado comum é realizado pelos diferentes grupos etários e não apenas pela escola e família.

Os jovens contemporâneos são ainda observados, institucionalmente, com os olhos de vigilância, conforme sua capacidade maior ou menor de resistência, e estão submetidos a referências de socialização apoiadas em modelos teóricos que estão se interrogando diante das transformações da sua vida cotidiana e que interferem fundamentalmente na mudança do seu comportamento social.

A escola foi criada pela modernidade na tentativa de cumprir com a promessa da igualdade para todos, já que através dela os indivíduos poderiam ter as mesmas oportunidades de progredir, e assim, através da ciência da razão, se fazia possível a ascensão econômica, profissional e cultural. Porém está, como outras promessas feitas pela modernidade, não se cumpriram. É a escola, ainda uma instituição que se apresenta com características fortemente marcadas pela modernidade, mas atuando num outro tipo de sociedade, de uma nova era onde o mundo se apresenta de diferente maneira.

A escola moderna tem a representação do mundo através do livro e da imprensa escrita e falada. Lugar onde o motor da obediência é lei e o sujeito tendo que aprender a ser cidadão crítico; lugar onde o mito da identificação pessoal é o herói e a verdade vem através da imprensa; a direção social pertence ao professor, ao intelectual enquanto o centro de gravidade subjetiva é a consciência, onde o sujeito deveria tê-la limpa. Esta escola da modernidade tem o poder de determinar a cultura a ser almejada pela sociedade (cultura ocidental, branca e burguesa) a alta cultura, a cultura tida como “superior” a popular. Ela defende modelos de aprendizagem fechados, privilegiando a

organização e prática docente disciplinares, currículos pré-estabelecidos, sem a flexibilidade de adaptar-se a necessidade do momento ou do espaço em que está inserida.

A pós-modernidade concebe sistemas abertos, onde o conhecimento se dá em forma de rede, onde há interação e permeabilidade entre os diferentes sistemas e a necessidade de compreendê-los no contexto desta rede de relações e interpreta-los não somente a luz das ciências isoladas, mas na interação dos conhecimentos. A escola na pós-modernidade questiona as respostas dadas pela ciência, e procura o sentido dos fenômenos e a visão do sujeito para com eles, onde não existe um único caminho a ser percorrido e o próprio caminho, seja ele qual for. Na busca de melhores soluções, é o próprio caminho considerado como conhecimento, e essa busca ou a sua solução se constrói independente de um modelo ou norma a ser seguido. A escola pós-moderna tem a representação do mundo através da mídia e da grande explosão de informação que chega a todo o momento; o motor de obediência é a opinião, o sujeito é o consumidor a ser seduzido; seu mito de identificação é o *star*, a verdade vem através da TV e o centro da gravidade subjetiva é o corpo, onde o indivíduo o cultua. A pós-modernidade revela o sujeito consumidor, irônico, cínico, fragmentado, inconstante em pensamento e em ações. Há uma visão de complementaridade entre a cultura clássica, alta cultura e a cultura popular tida como baixa cultura. A história e o tempo possuem nova concepção como afirma José Camilo dos Santos Filho:

Não há mais uma história universal, mas histórias locais, fragmentárias, individuais. Na ótica pós-moderna não existe uma concepção absolutista ou universal da razão, mas determinantes locais do que se tem como pensamento e ações racionais que são falíveis, contingentes e relativos ao tempo e ao local. (SANTOS, 2000, p. 49).

A educação conservadora pode ser traduzida nos trabalhos de Emile Durkheim (1952) para quem a educação é a fonte de formação social do indivíduo, devendo prepará-lo para a vida, para compreender o lugar onde se encontra prepará-lo para atuar e assimilar os mecanismos funcionais do tecido social. Nessa visão, os educadores ensinam pelo o que lhes impõem as funções sociais, para a formação de uma subjetividade instrumental de manutenção de valores da vida social correspondente ao seu tempo histórico. Nesse contexto teórico, as gerações mais velhas têm a co-responsabilidade pela educação pública da vida social, os adultos reforçam as instituições, fortalecem as normas sendo que na escola não há o que criar, e sim reproduzir: logo a educação não pode ser entregue ao arbítrio individual e nem difundida por um produto ideal, perfeito, aplicado a todos indistintamente, mas deve mudar com o tempo e com o meio, para que seja capaz de sustentar a responsabilidade da sociedade.

Nestes termos, a educação como fato pedagógico é um processo de socialização que coloca o professor representando um trabalho de autoridade diante do jovem, o papel de transmissor de sentimentos orientador do dever.

Os adultos, mestres e pais, tornam-se modelos e adquirem legitimidade no exercício da autoridade moral e estabelecem referências de socialização. É preciso ressaltar que esses pressupostos de exigências funcionais institucionais alheias às especificidades da idade juvenil são, ainda hoje, orientadores da conduta cotidiana de muitos educadores.

Bauman (2002) ao analisar a questão da autoridade no que denomina modernidade líquida, enquanto sociedade de consumo, afirma que a autoridade não foi abolida, apenas ampliada em número tão grande que não poderia se manter por muito tempo e jamais conseguiria atingir a posição de exclusividade. Quando as autoridades são numerosas tendem a cancelar-se mutuamente, e a única autoridade efetiva é a que se escolhe como líder. Na modernidade líquida este líder se dá como conselheiro.

Os conselheiros são controlados, adestrados, e descartados como os livros de auto-ajuda, dependem da boa vontade dos outros para serem ouvidos e devem conquistar a vontade dos ouvintes. Conselheiros atuam unicamente na área privada, ou na política-vida, indicando o que as pessoas podem fazer para si, não atuando de maneira alguma em conjunto e não possuindo como objetivo a união das forças. Conselheiros são aqueles que dão lição objeto. Um exemplo é o de Jane Fonda, que não age com autoridade, mas vende a lição do cuidado com o seu corpo, e o exemplo de que com trabalho você pode estar sempre jovem. Diferentemente do líder que espera ser seguido e espera disciplina, sua ação é de intermediário entre o indivíduo e a sociedade para o bem de todos (privado ou público). As autoridades institucionais, ainda hoje tentam resistir em ter poder como líder, mas o líder está dando lugar ao conselheiro com intensa velocidade.

Na relação entre o saber, a escola e os estudantes são possíveis questionar os encontros e os desencontros que acontecem entre professores e jovens. Entre os professores ocorre que nem sempre conhecem o público com o qual trabalham, bem como, nem sempre têm a adequada formação profissional e pessoal.

Nesse sentido, os jovens denunciam a ausência da escola no aspecto formativo- nela há deficiências de profissionais para debate e reflexões sobre a problemática juvenil e no aspecto profissional a maioria dos cursos médios não indica possibilidades futuras de trabalho e ocupação profissional. Chamam também a atenção inúmeras ausências estudantis nas salas de aula embora presentes nas dependências da escola. É nítida e reveladora a preferência dos jovens por determinados espaços dentro da escola - estar em seu pátio, na cantina, na quadras de esportes, nos corredores, no banheiro, e não propriamente na sala de aula a não ser no intervalo do recreio, momento no qual, sempre existe um grupinho que quer estar na sala contra o regulamento da escola. Esses desencontros criam relações truncadas que não permitem vínculos profissionais e afetivos.

Logo a escola é ambígua nas suas relações, pois se de um lado não tem se apresentado com qualidade, tanto no que se refere à formação quanto nas relações afetivas truncadas no seu interior, de outro lado tem se apresentado

como espaço privilegiado de socialização, parecendo cumprir parte de sua missão de origem: ajudar os jovens a conviver, a aprender e a passar do mundo juvenil para o mundo adulto.

3.1 Educação Contemporânea: a questão da (in) disciplina escolar

É possível afirmar que na contemporaneidade brasileira as relações entre os jovens alunos e os agentes escolares manifestam-se por uma espécie de tensão ininterrupta e excludente. Das múltiplas queixas dos profissionais da educação, a mais recorrente é a indisciplina, ligada à agressividade, revanchismo e apatia. Aquino (2003) condensa essa situação nos seguintes contornos, analisando a formação do professor:

De um lado, alguns criados em plena ebulição dos anos 1990; de outro, profissionais formados nos obscuros anos 1970/80 e entre ambos, a história mutante de um país em democratização. Não se pode negar que há, em curso, um confronto – às vezes abafado, às vezes declarado – nas salas de aula. Um confronto que poderia até ser saudável, mas não tem sido. (p. 378)

Existe para abater-se sobre as práticas escolares contemporâneas uma dissonância estrutural. Tudo se passa como se os educadores não desfrutassem do antigo respeito à sua figura de autoridade, levando os professores à uma sensação de insatisfação, quando não de desalento. Se partirmos da evidência de que temos hoje uma escola radicalmente distinta, pelo menos no que se refere ao perfil de sua clientela, é preciso convir, também, que os confrontos escolares atuais sinalizam transformações institucionais de diferentes naturezas. Aquelas demonstradas nas colocações anteriores, significando práticas escolares em pleno estado de transição quanto aos seus modelos de funcionamento no cotidiano – o que é vivido sob a forma de ruptura (por poucos), de resistência (por muitos), ou de descaso (por alguns). (AQUINO, 2003).

A queixa preponderante dos educadores na vivência escolar é a figura do aluno – problema, tomado como aquele que padeceria de distúrbio psicológico de natureza cognitiva ou de natureza comportamental, e nessa última categoria estando enquadrando o conjunto de ações associada à noção de indisciplina. Aqui são encontradas hipóteses diagnósticas que se tem da

indisciplina: distúrbios afetivos, morais, cognitivos, a desestruturação, o desinteresse pelos conteúdos escolares, entre outros.

Essas hipóteses não se sustentam por completo, pelo menos, por três razões, segundo Aquino (2003, p. 381):

- A primeira refere-se ao fato de que elas estão apoiadas em algumas evidências equivocadas e em alguns pseudoconceitos, uma apropriação duvidosa de determinado universo concebível;
- A segunda aponta que, de qualquer modo, elas acabam isolando a indisciplina como um problema individual e prévio do aluno, quando, ao contrário, o ato indisciplinado revela-se como um “sintoma” das relações institucionais – escolares nos dias atuais;
- A terceira deve-se ao fato de que tais “hipóteses” esquivam-se de levar em consideração a dinâmica da sala de aula, a relação professor-aluno, e as questões estritamente pedagógicas. Elas esboçam razões exógenas para o fenômeno disciplinar, mas não apontam caminhos concretos para sua superação, administração ou aproveitamento.

Desconstruindo conceitualmente as hipóteses explicativas da questão da disciplina escolar, Aquino (2003, p. 382) esclarece, contrapondo argumentos críticos, a lógica empregada:

- a) A hipótese histórica: ensino de “antigamente” como excelência – o aluno “desrespeitador”.
 - O caráter eletista, segregado, conservador e militarizado das relações escolares anteriores aos anos 1970;
 - A massificação do ensino posterior aos anos 1970 e a conquista dos oito anos de escolaridade básica;
 - As transformações no perfil da clientela e das relações interpessoais ainda pautadas pelo passado escolar (o ideário da escola eletizada do passado personificado na cultura da exclusão).

- b) A hipótese psicológica: a lacuna moral com resultado da permissividade/abandono dos pais – o aluno “sem limites”;
 - A pseudo questão do desconhecimento das regras, por parte das crianças e jovens, e as discutíveis noções de “déficit psicológico”;
 - Alunos apáticos versus hiperativos; os limítrofes versus os superdotados; os imaturos versus precoces: qual o suposto papel ideal do aluno?

- c) A hipótese comunicacional: a suposta falta de interesse do aluno pelos conteúdos escolares derivados do apelo da mídia – o aluno “apático”.

- A distinção entre os limites da ação escola e dos meios de comunicação (o passado e o presente em jogo);
- informação versus conhecimento: qual o papel exclusivo da educação escola hoje? (conhecimento e valores em questão);
- duplo papel do trabalho escolar: por meio da reposição do legado cultural, a recriação dos diferentes *modi operandi* do pensamento escolar hoje (as ciências, artes e humanidades).

d) A hipótese social: as condições socioeconômicas como determinantes do sucesso escolar – o aluno “correto” e o aluno “arrogante”;

- A pseudo-questão do background cultural como determinante das chances de sucesso escolar;
- A oposição pobreza versus riqueza como iguais dificuldades do trabalho escolar;
- Na pobreza a falta de pré-requisitos; na riqueza, a arrogância e o hiperávit de informação.

O mesmo autor compreende, então, as interpelações disciplinares como algo relativo ao âmbito ético da prática pedagógica, ocasião privilegiada para (re) construção do conhecimento. Para tanto, esboça preceitos ético – pedagógicos mínimos, que incitam a possibilidade de um ambiente escolar mais democrático e mais democratizante:

- A compreensão do aluno problema como porta voz de relações conflituosas e/ou ambíguas estabelecidas em sala de aula;
- A desidealização do perfil discente e o investimento nos recursos humanos concretos (o foco na grupalidade e não nas condutas individuais dos alunos);
- A permeabilidade à perscrutação e à invenção de novas estratégias de trabalho (a sala de aula como laboratório pedagógico);
- A organização dos fazeres em torno da proposta de “contrato pedagógico”: as regras de ação e convívio conhecidas e partilhadas (regras atreladas exclusivamente ao campo lógico-conceitual em questão);
- A fidelidade ao contrato pedagógico, e deste ao projeto político-pedagógico escolar;
- A preservação da questão de autoridade e a necessária assimetria dos lugares e papéis;

- Modos inclusivos de relação em sala de aula (a abolição das “retiradas” e/ou “encaminhamentos”);
- O diálogo no enfrentamento dos embates entre as diferenças social-humanas em sala de aula;
- A observância das exigências atuais do trabalho docente: competências teóricas e técnicas, mas sempre acompanhadas de um claro posicionamento ético-democrático;
- Um trinômio, enfim, presidindo a ação diária: competência, ética e prazer.

3.2 Educação Contemporânea: alguns contornos sobre atos indisciplinados

A palavra disciplina vem do latim *discipulina* formada por *dicere* + *pueris* que significa dizer às crianças. Disciplina é dizer aos alunos o tempo e o lugar de cada coisa, o que lhe é certo ou errado sobre cada ação que pratica a posição correta de seu corpo na tentativa de que algum dia terá a capacidade de se disciplinarem e disciplinarem o entendimento que tem do mundo. Esta disciplina de ditar os atos aos estudantes proporciona uma falta de autonomia, de maturidade e responsabilidade no aluno.

Utiliza-se o termo indisciplina para representar qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas, e às leis impostas pela escola. Assim todas as vezes que os alunos desrespeitam alguma norma, seja ela imposta e veiculada arbitrariamente pelas autoridades escolares ou elaboradas democraticamente, serão vistos como indisciplinados pela instituição escolar.

O problema da indisciplina escolar deixa sua marca nos professores desde os primórdios da escola no Brasil. Ina Von Binzer, (1994) moça alemã que vem em 1881 ministrar aulas em um país totalmente desconhecido, escreve cartas a Grete, sua amiga. Em 1882 a carta relata um incidente em uma sala de aula no Rio de Janeiro:

Como há poucas aulas disponíveis, dou minhas lições em geral, com outra professora, no mesmo cômodo: enquanto de um lado declamam poesias portuguesas, tento de o outro explicar as minhas “donas” desatentas as complicadas declinações da língua alemã. (...) Outro dia corrigi uma menina de

olhos escuros e ela atirou o livro sobre a mesa e com lágrimas de revolta gritou irriadíssima.

Grete, fiquei completamente consternada e sem saber o que fazer, no primeiro momento. Essas cenas se repetem muitas vezes. As melhores famílias não mandam absolutamente suas filhas para colégios, e devido a isso esta sociedade é em geral, a menos educada ou a mais selvagem que se podem encontrar; exaltam-se, gritam e chegam não raras vezes a ficar com o rosto enrubescido como cerejas. (BINZER, 1994, p. 79).

A reclamação sobre as alunas desatentas, os acessos de irritabilidade frente as correções da professora e esta sem saber o que fazer diante da indisciplina de suas alunas, que gritam e se exaltam, trazem para os dias de hoje as queixas de professores depois de um dia exaustivo de trabalho.

A disciplinarização é parte inerente à escola na forma que é conhecida. Desde seus primórdios, o controle da ordem na sociedade, deveria vir da escola. A idéia de que a escola deve produzir a ordem, e por isso ela deve ser o espaço da ordem, está enraizada no pensamento de professores e diretores que fazem referência à indisciplina escolar como um dos pontos responsáveis pela crise da educação: “*A educação pode melhorar quando se acabar com a indisciplina escolar. Tem diretor que tem o controle da escola, saiu da linha é punido* ” segundo a fala de uma coordenadora pedagógica entrevistada para a presente dissertação.

Silvio Gallo (2002) faz referência à indisciplina escolar:

A educação sempre esteve permeada por mecanismos de controle. E a disciplinarização possibilita esse controle sobre o aprendiz (o quê, quando e como o aluno aprende) e também um controle sobre o próprio aluno. A disciplina também está relacionada ao comportamento, não apenas à aprendizagem. Disciplinar o aluno é também fazer com que ele perceba seu lugar social. A disposição cartográfica de uma sala de aula, seja ela qual for, é sempre uma disposição estratégica para que o professor possa dominar os alunos, pois nesta concepção de escola o aprendiz só pode acontecer sob domínio. Para dizer de outra forma, uma sala de aula nunca é caótica, há sempre uma ordem implícita que, se visa possibilitar a ação pedagógica, traz também a marca do exercício do poder, que deve ser sofrido e introjetado pelo aluno. (p. 24).

Como se pode notar, a recorrência da queixa disciplinar parece ser uma mostra de que enquanto houver um educador, haverá um aluno protestando ou recusando o diálogo com os mais velhos. Estrela (1994) tem o seguinte posicionamento:

[a disciplina é] um fenômeno essencialmente escolar, tão antigo como a própria escola e tão inevitável como ela. A manutenção da disciplina constitui, com efeito, uma preocupação de todas as épocas, como já testemunhamos em vários textos de Platão, como o Protágoras ou as Leis. E se formos às Confissões de Santo Agostinho, constatamos como a sua vida de professor era amargurada pela indisciplina dos jovens que perturbavam “a ordem instituída para o seu próprio bem” (p. 11-12).

É correto admitir que as estratégias de administração do ato indisciplinado serão sempre precárias, por que ensaísticas – elas serão respostas pontuais e inconclusas ao eterno combate entre as gerações escolares. Com Aquino (2003, p.50):

A indisciplina seria, então, o sistema da incompatibilidade entre a escola acalentada por seus agentes e aquela encarnada por seu alunado. Mais ainda: ela equivaleria ao saldo do embate histórico entre uma escola idealizada e gerida para um determinado tipo de aluno, mas ocupada por outro.

E ainda:

Em outras palavras: os contra tempos disciplinares sinalizariam o impacto do ingresso de uma clientela diferenciada em uma estrutura opaca e resistente a mudanças. Desta feita, a gênese da indisciplina residiria nos conflitos perpetuados pelas próprias práticas escolares, incapazes de dialogar com os novos perfis discentes – uma escola de massa que, de certa forma, ainda presencia princípios pedagógicos e políticos de uma escola de elite, de outrora. (p.50-51)

Nesse sentido, ao narrar os processos de democratização escolar, Azanha (1995) aponta elementos que persistem até hoje:

A escola sofreu o impacto da presença de uma numerosa clientela nova que trouxe problemas de ensino até então inéditos. Antes disso, a escola pública vinha desempenhando com relativo êxito a sua função de instituição social discriminada da população segundo os interesses sociais e políticos prevalecidos. Mas acolhido a um contingente populacional escolar, os parâmetros pedagógicos vigentes, revelaram-se ineficazes para enfrentar a situação emergente [...] mais do que soluções técnicas o que se exige era uma alteração da mentalidade do próprio magistério em face de suas novas responsabilidades profissionais (p.13-14).

Não obstante à colocação de Azanha (1995), os sujeitos da escola nem sempre dispõem da ponderação necessária para encarar os contratempos da vida nas escolas. Exemplos disso são o que se verá a seguir. Exemplos retirados da minha vivência em uma escola da cidade de Sorocaba, em um período de 5 anos como professora eventual.

3.3 A (in) disciplina nas vozes dos professores, pais e coordenadora pedagógica

As vozes apresentadas a seguir foram colhidas ao longo da pesquisa dentro da escola, Céu Azul (nome fictício), muitas vezes nos corredores e sala dos professores. As conversas foram sempre realizadas de maneira informal, visto que muitos entrevistados recusaram-se a tratar o tema em questão.

As afirmações abaixo contribuem para seguinte reflexão: A escola, assim como outras instituições ordenadoras, tem como função manter a ordem. Para isso só se consegue a disciplina por ações contundentes e produção de vítimas expiatórias: A própria professora no primeiro caso, o uso da “chantagem” no segundo e com a categorização do aluno indisciplinado, enquanto aluno palhaço, no terceiro caso Durkheim corrobora a reflexão: [a indisciplinada escolar] “não é um artifício que tem em vista fazer com que na escola impere uma paz exterior, que permite que a lição decorra tranqüilamente. Ela é, sim, a moral da classe, que tal como a moral propriamente dita é a disciplina do tecido social.” (1984, p.251).

- *Já dei aula em escolas piores, acho que se chegar respeitando os alunos, mas sendo firme, entrando em acordo com eles até que dá para dar aula sem problema; a minha professora dizia que não eram os alunos que eram indisciplinados é minhas aulas que*

são uma merda, desinteressante e chata, por isso tento deixa-la legal, mas nem sempre consigo. (professor eventual)

- *A outra professora não conseguia por ordem na sala para aplicar o provão então fui até a classe e disse; não se preocupe professora eles não vão colar eu ponho minha mão no fogo que daqui por diante eles vão se calar e não vão colar, olha só classe eu estou pondo minha mão no fogo por vocês e sei que não vou me decepcionar. Viu o que eu fiz usei de chantagem (sorri) fui indisciplinada para manter a ordem. Acho que essa coisa de indisciplinada é complicada, eu nunca tive problemas com indisciplinada. (professora de matemática)*
- *Só há palhaço quando há platéia e se ninguém der risadas, não há bagunça. O aluno que faz show vira palhaço. (professora de português).*

Já a coordenadora pedagógica explica, durante conversa informal, quais as medidas adotadas frente a um ato de indisciplinada:

- *Primeiro o professor anota o problema que aconteceu no caderno da sala, eu converso com o aluno e mando chamar o responsável que sempre tem a mesma reclamação, o que você quer que eu faça? Eu não posso com a vida desse menino, já fiz de tudo até levei no psicólogo, eu não sei mais o que fazer. (coordenadora pedagógica)*

Para o questionamento sobre o comportamento do jovem e adolescente nos dias de hoje, a resposta carrega em si um pressuposto que revelam elementos de uma lógica presente na cultura ocidental e significados mistificadores, dela decorrentes, presentes no imaginário social – o pressuposto de que há uma relação direta entre indisciplinada e ausência de cidadania. Essa relação feita assim de forma imediata não é gratuita; ela é fruto da lógica excludente que embasa nossa cultura, a lógica cartesiana, que não tolera condições e ambigüidades.

- *Eles não querem saber de nada, não ligam para nada e nem tem consciência para votar. Com dezesseis anos não são capazes de escolher um candidato. Eles não querem nem saber de política. Nem de cidadania Eles não querem saber de nada, não ligam*

para nada e nem tem consciência para votar. Com dezesseis anos não são capazes de escolher um candidato. Eles não querem nem saber de política. Nem de cidadania. (orientadora pedagógica).

No contexto modernidade líquida de Bauman (2000) a família está “perdida” em meio à turbulência de acontecimentos econômicos, sociais e públicos sem “tempo” para entender os filhos e os desafios do cotidiano:

- *Fico envergonhada, triste, mas não sei como educar meu filho nos dias de hoje.* (mãe)
- *Sabe, hoje não pode nem surrar, dar no filho que você vai preso, e quantos filhos batem nos pais e não acontece nada.* (mãe)

3.4 A (in) disciplina escolar na voz da inspetora escolar

Implorando “pelo amor de Deus que ninguém pode saber que eu tô te contando essas coisas”, a inspetora de alunos da Escola Céu Azul reconhece e explicita as questões de indisciplina existentes, indicando intrinsecamente que a grande tarefa que se coloca para os professores, para a escola e para a educação é responder à crise de viver juntos. Trata-se da reinscrição dos valores, dos limites, sob novas referências. Tarefa essencialmente ética. Trata-se, então, de responder à pergunta inaugural da ética a cada momento: O que devo fazer diante de tal comportamento e de tal situação? Especialmente no caso da voz agora em pauta, com referências as questões sexuais por ela exposta. Só assim será possível provocar rachaduras na muralha monolítica, fossilizada e ideológica sobre o pensar a indisciplina escolar. Destituída do lugar de transmissão/aquisição e produção do conhecimento, a escola é ressignificada pela inspetora de alunos como ponto de encontro para a prostituição e uso de drogas.

Aqui nesta escola há indisciplina escolar?

R. Aqui é terrível, eles (os alunos) desrespeitam mandam pra quele lugar e o professor não segura, não tem controle dentro.

O que para você é indisciplina escolar?

R. Não sei. O aluno não respeita o professor. O professor manda fica quieto e sentado. O aluno xinga de F.D.P.

O que é feito com o aluno indisciplinado?

R. Agente manda (aponta para a diretoria da escola), e pede pra se tomada providência, o aluno fica esperano o responsável e xinga a professora de biscatinha.

Quem na sua opinião é responsável pela indisciplina escolar?

R. Não sei. Se houvesse punição. Hoje em dia é tudo limitado. Agente não pode puni, não acontece nada, ninguém faz nada. Olha! (alguns alunos colocando a cabeça para fora da classe) os alunos tentam saí, ficam colocando a cabeça para fora da sala, e só quando eu chamo atenção é que o professor toma providencia, e fala: senta ai menino (com voz de desdém). O professor nem liga.

Tem a G., todo mundo chama ela de Zica, aluna da 8ª F. Tem quinze anos mas aparenta ter uns treze. Ficou dois meses internada num hospital de dependente químico, este mês ela voltou para casa. Ontem, a oitava saiu as nove, eu dispensei porque não tinha professor, quando foi um pouco mais de meio dia a mãe veio procurar a menina, e descobriu que ela tinha sumido desde as nove e não desde meio dia. A mãe mais preocupada ainda foi procurar pelo bairro, passou um pouco a mãe trouxe a filha para a vice conversar, todo mundo da escola escutou a filha xingando a mãe de filha da puta, de biscate pra cima. Um dia eu conversei com ela e perguntei se ela usa camisinha quando saia, e ela disse que não, quando fica locona não vê o que fazem com ela, fazem o que querem.

(Silêncio...)

Há professores que dominam mais a classe que outros?

R. O professor E. fala, não grita, e até pode sair da sala que não faz bagunça. olha aquela ali com a camiseta toda escrita, não veio na escola segunda feira e os meninos da classe dela disseram que ela estava fazendo toquinha na pista de caminhada, achei que

estava aprendendo a fazer crochê ou tricô, mais que nada, era aquilo, ela estava fazendo aquilo oral pros meninos, que não vinham na escola para ficar com ela.

(Silêncio...)

Todas classes são indisciplinadas iguais ou uma é mais que as outras?

R. *Algumas salas são melhores tem sala que tem menos tranqueira, na 7ª A tem que ter pulso firme se não empurram as carteiras para cima do professor.*

Ta vendo aquele aluno que esta saindo é o O., ele é meio tantã da cabeça (olhando o aluno, parece não haver problemas de saúde ou alguma deficiência). O O. pediu para outro aluno mais tantã que ele que se batesse punheta para ele, ele ia dar os cardes. O idiota bateu dentro da classe, na outra aula foi uma eventual que ouviu os outros alunos pedindo para o O. dar os cardes para o menino, ficaram reclamando que sacanagem o menino bateu punheta para ele e ele nem paga os cardes.

Entrei no banheiro das meninas por que era um rodízio, e perguntei o que elas estavam fazendo, uma disse que foi tirar a meia, que tava com calor. Eu vi o pedacinho da meia aparecendo no bolso e fiquei invocada, falei deixa eu vê o que você tem aí, ela não queria dar. Fiquei brava com ela e peguei uma meia com éter. Foi chamado a mãe das meninas que até choraram e levaram o caso para o DIJU, o delegado do DIJU não fez nada, disse que éter não é droga ilícita.

(Silêncio...)

Existe alguma lei, regra ou norma por escrito para os alunos professores e funcionários?

R. *Não. Só no começo do ano, há uns anos quando o pai vem fazer a matrícula que é mandado um papel, que fala que os alunos não pode entra sem uniforme e não pode entra atrasado, você vai vê logo já começa a manda.*

3.5 A (in) disciplina escolar nas vozes dos alunos / Ensino Médio

A escola é uma construção histórica que se recria em suas formas, conteúdos, desafios e perspectivas. Nesse sentido, a escola se constitui sempre como mediação fundamental no processo de socialização da educação e de construção objetiva e subjetiva dos indivíduos. Para tanto, a indisciplinarização na sala de aula, com a desaprovação de condutas e do comportar-se fora das regras são situações que configuram o lugar de desejo do professor e mesmo do aluno.

Quando o que está em jogo na sala de aula é a inadequação dos alunos, a primeira estratégia utilizada pelas professoras é a repressão verbal, usada, muitas vezes, com violência no universo escolar conforma, situação disciplinar e conversa informal apresentada a seguir.

Numa das visitas à escola, sede desta pesquisa, cinco alunos estavam sendo expulsos da sala da direção “aos berros” por uma professora que os havia encaminhado para lá, logo uma ação violenta e excludente. Na aproximação que fiz, em direção a eles, dois alunos imediatamente se afastaram, mas três deles, pós explicação da minha presença na escola, responderam as questões que foram colocadas. As respostas revelam que o uso do poder pela professora estabelece o lugar dos alunos em relação à figura da autoridade se, entretanto, garantir a moralização das suas condutas, a partir dos ideais do adulto.

1. Eu estou fazendo uma pesquisa sobre indisciplina e disciplina escolar, e queria fazer algumas perguntas sobre o tema.

R. *Não tem que escrever. Né dona? Não é muita coisa. Né ? Eu não quero fica escrevendo nada.*

2. Não vai ser necessário vocês escreverem nada, apenas vamos conversar. Na sua opinião aqui tem indisciplina escolar?

R. *Aqui só tem indisciplina.*

3. O que é indisciplina escolar?

R. *Ah. É bagunça é zoeira.*

4. Entendi, mas eu preciso que vocês expliquem melhor, pois se eu levar assim para minha professora ela vai querer saber o que é bagunça e o que é zoeira.

R. *Ah. (Coçam a cabeça) é conversar alto, bate no sopro, chingá, picha, faze guerra de papel, fica em baixo da escada e mata aula, é isso.*

5. Porque há indisciplina nesta escola?

R. *Aqui tem bagunça, o professor invoca com tudo, com o cabelo, com nosso jeito, a culpa não é só nossa, a gente também não está contente. Na classe tem 56 alunos, se metade quer aprender o resto bagunça, devia reparti. As donas (inspetoras) vem xingando em vez de pedir, por favor. Um dia queriam catá a gente, então fui falá para elas ajudá sabe o que ela fez? Mando a gente se fudê. Tinha que dividi os alunos, colocá os maus tudo numa sala só. A gente zoa porque todo mundo zoa.*

6. E vocês, querem aprender?

R. *A gente qué, agente vem na escola. É, tem uns que vem pra brigá, mais é só dois que vem pra brigá. O professor não incentiva, o professor largou nós, ele explica, se um levanta a mão e diz que não entendeu, ele diz que não ganha para dar aula particular. O professor deixa colá, falô pr um carinha se não vai colá não? Esta escola é uma merda, tem professor que manda o aluno toma no cú.*

Durante a conversa informal cruza pelo grupo um aluno, momento no quais duas meninas que acabavam de chegar gritam para ele: “Ooo... vem cá, vem fala mal da escola”. O guarda municipal, que “toma conta” da escola, e que já estava perto de nós fica tentando escutar nossa conversa. Quando olhávamos para ele, disfarçava o interesse em nossa pequena reunião. As meninas resolveram entrar na conversa mas só após perguntar se a diretora sabia a razão da minha estada na escola.

Uma das meninas olha para o aluno recém chegado e diz:

Às vezes você guarda e não traz.
- *É as vezes, respondeu o jovem.*

Diante da minha expressão de não entendimento da conversa mantida entre eles, uma delas resolve explicar:

Ele guarda a educação. Deixa a educação em casa, ele não usa.

O aluno convidado a integrar o grupo continua sua fala:

A vice-diretora B é uma grossa, ela abusa do direito, acho que é poder, é ela abusa do poder, outro dia ela me disse: “você é um palhaço” e eu respondi “e a escola é o

circo”. Você acredita tem professor que chaveca as meninas, agente vem na escola pra aprende e aprende indisciplina, eu tenho caderno.

7. E em casa como é o relacionamento entre você com a mãe ou o pai?

Ah! Não é professora, eu nem vejo nem minha mãe e nem meu pai; eu saio antes dela para vir para escola e na hora do almoço esquento a comida, como e vô pra rua chego ela ta dormindo igual meu pai. De adulto que agente conversa é com o professor que fica xingano. Eu tenho caderno e ele vem invocano.

8. Seu caderno é em ordem? Todos os alunos têm cadernos, ou só alguns?

Todo mundo tem caderno, mais os bagunceiros não tem nada só picham, só desenharam não copiam nada.

9. Qual a solução para uma escola melhor?

Demitir todo mundo, mandar todos embora e colocar outras pessoas professor, aluno, funcionário todos. Ou então colocar gente vigiando eu mato aula quando quero ninguém nem vê.

Um dos membros do grupo é considerado “aluno – problema” por haver quebrado um hidrante, no intensamente quente mês de janeiro de 2002, aluno que naquele momento decide explicar em duas versões as razões que o levaram a tal ato indisciplinar, apresente uma atitude generosa para com o outro. A segunda, fazendo existir fora de si um sujeito do desejo, do proibido, um sujeito da diferença. Revelando uma vida com uma história que se desdobra como personagem central da história contemporânea: um anti-herói.

1ª versão – *Dona a senhora viu a tia que limpa tudo? Os outros tão de férias e ela têm que todo dia limpar, e quando ela varre o pó sobe e piora se eu abri a água ela não precisa varrer, fica limpo por uma semana. Alguém devia lavar a escola no final de semana se não tem funcionários os alunos vem. Eu queria mesmo que alagasse todas as classes e o corredor.*

2ª versão - *Ah professora... É... Eu faço porque é legal se arrisca, eu fico com medo que me peguem, mas eu consigo e não me pegam e ninguém conta, quem vê tem medo de fala.*

3.6 A (in) disciplina escolar na voz das normas estabelecidas pelo conselho escolar

Da voz das normas estabelecidas pelo conselho escolar, elaboradas em 2000, mas há dois anos não utilizadas segundo informação da inspetora e a confirmação da auxiliar da secretaria, é possível extrair visibilidades, colocando focos de luz sobre a indisciplina escolar. Tomando-as como um discurso pedagógico que, no interior da escola, opera e articula jogos de poder, e têm por objetivo produzir alunos de certo tipo. Entretanto, os enunciados das vozes antecedentes – professores, pais, inspetora de alunos, não permitem apontar para a sua existência. Cada um dos comportamentos elencados estabelece um agenciamento concreto sobre os corpos, mas os sujeitos da escola o desmascararam através de suas falas. “Fica expressamente proibido o aluno”, de acordo com as normas internas estabelecidas pelo Conselho de escola, é um elenco de formulações negativas. As maquinações criadas pelos alunos revelam a inexistência de um sistema preciso de comando. Conforme pode ser verificado, no Projeto Político Pedagógico da escola, tendo como modelo de norma a ser seguido pelos alunos:

DE ACORDO COM AS NORMAS INTERNAS ESTABELECIDAS JUNTO AO CONSELHO DE ESCOLA FICA EXPRESSAMENTE PROIBIDO, O ALUNO:

1. *Freqüentar aula sem o devido uniforme;*
2. *Transitar pelos corredores da escola em horário de aula;*
3. *Ficar na classe no horário do intervalo;*
4. *Namorar nas dependências da escola;*
5. *Entrar em aula, após a entrada do professor (salvo com autorização dos mesmos);*
6. *Faltar em dia de prova (salvo com atestado médico);*

7. *Sair da escola antes do horário previsto;*
8. *Ser mal educado com as colegas, Funcionários Professores e Direção da escola;*
9. *Mascar chiclete nas dependências da escola;*
10. *Usar rádio Walkman ou celular na sala de aula;*
11. *PRATICAR ou ESTIMULAR, dentro ou nas imediações Atos ofensivos a moral e ao pudor, bem como, INCENTIVAR A VIOLÊNCIA, utilizar-se de JOGOS DE BARALHO, BEBIDAS ALCOÓLICAS E CIGARRO DE QUALQUER ESPÉCIE.*
12. *DESTRUIR O PATRIMÔNIO ESCOLA com gravações, pichações ou sinais gráficos, de qualquer forma, em qualquer parte ou dependência escolar.*

3.7 A (in) disciplina escolar através de imagens

Um dos propósitos de qualquer experiência educativa é fazer o indivíduo avançar no conhecimento de si mesmo, isto é, ver-se, ou seja, buscar o autoconhecimento. Para se auto-conhecer é necessária certa exteriorização e objetivação das próprias imagens balizadas por formas óticas preexistentes cultura.

Com base nesse arsenal reflexivo solicitou-se a alguns alunos que fotografassem a indisciplina e a disciplina escolar. Apenas dois alunos mostraram interesse em realizar essa solicitação, tornando-se bastante rica a análise das fotos resultaram do exercício em questão:

- O tema indisciplina revela-se apenas em atos de danificação da caixa de registro de água, da caixa de força, de painéis destruídos, de cadeiras quebradas, do fio de luz arrancado, de paredes pichadas. Logo a denúncia da indisciplina escolar ocorre, para os alunos sem sujeitos através da destruição de objetos apenas;

- O tema disciplina recebeu reclamações dos alunos fotógrafos pela alegação da dificuldade em registrá-la. Interessante observar que aparecem alunos nas fotos, os próprios alunos fotógrafos (ou Não) que resolveram encenar momentos considerados de disciplina: painel com cartazes, alunas fazendo provão aluno tomando merenda, alunos lendo no cantinho da leitura, aluno lendo na Biblioteca Escolar, uma mesa da sala da coordenação, um aluno estagiário frente ao computador na sala da secretaria.

Sendo a metáfora da exteriorização a dominante para as questões propostas para esta pesquisa é importante pensar-se em dois momentos para se entender a fotografia como linguagem da experiência de si. Um, o momento referencial – visto como copiando a realidade através de uma representação perfeita, e o outro como momento expressivo visto como exteriorizador do que se encontra no interior do sujeito. Pode-se inferir daí uma nítida separação entre um âmbito interior e outro exterior, não cabendo segundo Foucault (2000) exames para se um discurso é falso ou verdadeiro, mas sob que condições ele se constituiu como tal (já descritas no capítulo anterior) bem como que a linguagem é o próprio pensamento. Ao lidar com o fato da indisciplina e disciplina escolar os alunos fotógrafos revelam qual é o discurso legítimo que ele tem regras, que precisam ser aprendidas e praticadas. As fotos que se seguem revelam então uma gramática escolar.

A INDISCIPLINA ESCOLAR.



**CAIXA DE REGISTRO DE ÁGUA
QUEBRADA,**



CAIXA DE FORÇA
QUEBRADA,



PAINEL COM CARTAZES
Colocados pela direção, para informação aos
alunos.
No corredor que leva para diretoria.



CADEIRAS QUEBRADAS
Na sala de aula.



LUZ DE SEGURANÇA QUEBRADA,



PAREDE PICHADA

A DISCIPLINA ESCOLAR.



PAINEL COM CARTAZES

Feito pelos próprios alunos, fica em frente do registrado como atos de indisciplina.



ALUNOS DO ENSINO MÉDIO
Fazendo o provão,



ALUNO DO ENSINO MÉDIO TOMANDO MERENDA NO PÁTIO



O CANTINHO DA LEITURA NO PÁTIO



ALUNO NA BIBLIOTECA



SALA DA COORDENAÇÃO



ALUNO ESTAGIÁRIO TRABALHANDO NA SECRETARIA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Bauman (1997) na modernidade líquida, a imagem do indivíduo se constrói numa coleção de instantâneos, em cima de eternos recomeçar sendo que cada pessoa deve exprimir seu próprio significado de forma inconstante e de fácil demolição. Com base no individualismo e num narcisismo utópico, esquecer é o mais importante que aprender ou memorizar, já que tudo sofre transformações rápidas. Até mesmo os relacionamentos são rápidos e sem grande envolvimento. Ainda com Bauman (2004), na modernidade líquida em que estamos imersos as atenções humanas se concentram na satisfação que esperamos obter das relações. Todo relacionamento é um investimento, que precisa de aplicações em tempo, dinheiro, esforço. Estar num relacionamento significa a incerteza permanente de nunca estar certo de que se fez uma boa escolha. Dessa maneira parte-se sempre a procura de outro que pode ser ou não melhor, mas a própria busca para oferecer uma sensação de aventura, o que já conta. Explicitamente para Bauman (2004)

[...] quando se esquia sobre o gelo fino, a salvação está na velocidade. Quando se é traído pela qualidade, tende-se buscar desforra na quantidade. Se os compromissos são irrelevantes quando as relações deixam de ser honestas e parece improvável que se sustentem, as pessoas se inclinam a substituir as parcerias pelas redes. Feito isso, porém, estabelecer-se fica ainda mais difícil (e aceitável) do que antes – pois agora não se tem mais a habilidade que faz, ou deveria fazer, a coisa funcionar. Estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, torna-se uma necessidade. Manter-se em alta velocidade, antes uma aventura estimulante, vira uma tarefa cansativa. Mais importante, a desagradável incerteza e a irritante confusão, supostamente escorraçadas pela velocidade, recusam-se a sair de cena. A facilidade do desengajamento e do rompimento (a qualquer hora) não reduzem os riscos, apenas os distribuem de modo diferente, junto com as ansiedades que provocam. (p.13)

As várias vozes ouvidas e elencadas neste trabalho acadêmico, tendo como referência a indisciplina escolar, são vozes com seus regimes particulares de verdade. Interessante é notar que, no embate das mesmas, interesses conflitantes se manifestam, criando um terreno escorregadio, viscoso e, portanto de análise. Entretanto, um acordo discursivo está estabelecido claramente: a escola é um campo de disputas entre partes que dispersas e disseminadas, em tantos lugares quanto aqueles em que o poder se exerce no espaço escolar é jogado segundo modalidades específicas. Neste jogo, as partes singulares mantêm contato entre si através de mecanismos e dispositivos, que atuam na busca do controle, respondendo aos acontecimentos indisciplinares segundo o acaso da luta.

As grandes funções disciplinares assim denominadas por Foucault (1995), ou seja, de repartição no tempo e no espaço, de classificação, de extração de forças, de composição das aptidões, são operações utilizadas por todos os sujeitos da escola. Incluindo-se aqui, também, os alunos que furam códigos e regras tentando fazer de sua vida uma obra de arte que inclui, sei que perigosamente, nos parâmetros de volúpia pós-moderna.

Ao estabelecer um julgamento de valor, que se estriba na lei ou na norma, é formular um prejuízo. Neste sentido a característica da lógica normativa ancorar critérios objetivos para o que seria esperado dos adolescentes como conduta escolar. Do que as vozes elencadas neste trabalho apontam, entretanto, podem-se inferir apenas suspeitas que com Aquino (2003) são retratadas:

1. Que a indisciplina discente seja um fenômeno típico da adolescência, e está caracterizada pelo questionamento das normas e dos valores criados pelos adultos;

2. Que, em certas circunstâncias, o ato indisciplinado seria a manifestação de uma agressividade latente dirigida contra as figuras de autoridade, a agressividade essa gerada contra as figuras de autoridade, agressividade essa gerada pela desestruturação do ambiente família;
3. Que em termos práticos costuma-se dizer que a má influencia a que as gerações ficam expostas (o excesso da televisão, da internet, etc.) sejam inquebrantáveis;
4. Que a escalada atual da indisciplina é progressiva a tal ponto, sendo que em última instância, o exemplo intimidatório com exclusões seria o único afeito intimidatório para o restante dos alunos;
5. Que a indisciplina é porta de entrada para outros hábitos mais perigosos como ociosidade, violência, droga, sexo irresponsável.
6. Que os mecanismos para vencer a indisciplina de líderes negativos devem ser: primeiro, o aconselhamento incansável; depois, as punições reparatórias; em seguida, os

encaminhamentos para pedagógicos; e por último a exclusão da escola.

7. Suspeita-se, por fim, que o futuro reservado aos alunos é, no mínimo, temeroso, uma vez que a escola poderia fazer muito pouco, contra a degradação da sociedade contemporânea, simbolizada pela indisciplina das novas gerações.
8. Que a indisciplina escolar estaria indicando o impacto do ingresso de um novo sujeito, com outras demandas e valores, numa ordem arcaica e despreparada para absorvê-lo plenamente. Nesse sentido, a gênese da indisciplina não residiria na figura do aluno, mas na rejeição operada por esta escola incapaz de administrar as novas formas de existência social personificada nas transformações do perfil de sua clientela.

Logo, um mundo de desassossego.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. Disciplina e indisciplina como representações da educação contemporânea. In: BARBOSA, Raquel (org.). **Formação de educadores: desafio e perspectiva**. São Paulo: UNESP, 2003. p ----

_____. **Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Moderna, 2003.

ARAUJO, Frederico Guilherme. **Saber sobre os homens, saber sobre as coisas**. Rio de Janeiro: DPA, 2004.

AZANHA, Mario Pires. **Educação: temas políticos**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2004.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001.

_____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1999.

_____. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.

BINZER, Ina Von. **Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**. Rio de Janeiro, 1994.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. Controle e devir, post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. inicial – final

DURKHEIM, Emile. **Sociologia educação e moral**. Porto: Rés-editora, 1984.

ESTRELA, Maria Tereza. **Relação pedagógica disciplina e indisciplina na aula**. Porto, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GÖERGEN, Pedro. Espaço e tempo na escola: a liquefação dos sólidos modernos. **Avaliação**, São Paulo, v.10, n.2, p.47-66, jun.2005.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPA, 2001.
- HARDT, Michel. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, E (org.). **Gilles Deleuze: uma filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. **inicial – final**.
- HARVEY, DAVID. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.
- JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.
- LASCH, Chistopher. **Refúgio num mundo sem coração: a família: santuário ou intuição?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1988.
- NOVAES, Adauto. **O olhar 7**, ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- Pereira, Elisabete M. A. A universidade nos paradigmas da modernidade e da pós-modernidade. In LOMBARDI (org.). **Temas de pesquisa em educação**. São Paulo: Autores associados, 2002, p. 122, 130.
- RABINOW, P.; DREYFUS, H., **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- ROURE, Glacy Q. de. Indisciplina: da palavra ao ato. In: SOUSA, Sonia Gomes (org.). **Infância e adolescência: múltiplos oleares**. Goiânia: Editora da UCG, 2003. P. 69-98.
- SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo subjetivamente e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa Santos. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 9. ed. São Paulo: Cortes, 2003.
- _____ **Um discurso sobre as Ciências**. 13. Ed. Porto: Afrontamento, 2002
- _____ **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição de paradigmática**. V. 1. A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- SANTOS, Filho José Camilo dos. **Escola e universidade na pós-modernidade**. Campinas: Mercado das Letras, 2000.
- VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa: Edições 70, 1991

VIRÍLIO, Paul. O último veículo. **Revista 34 letras**, Rio de Janeiro; n. 516, p. 396-406, 1989